

CASA, FAMÍLIA E PÁTRIA NO CONTEXTO DA MOBILIDADE HUMANA

Alfredo J. Gonçalves*

O presente artigo reúne elementos bíblico-teológicos e pastorais ligados, simultaneamente, aos temas da Família e da Mobilidade Humana. O texto remete a dois livros da Bíblia onde as duas temáticas se entrelaçam reciprocamente: o *Livro de Rute*, no Antigo Testamento, e a *Primeira Carta de Pedro*, no Novo Testamento. A partir de ambos, desenvolve-se um cenário rico em imagens e lições, o qual nos permitirá refletir os problemas e desafios das migrações no mundo de hoje. Permitirá, também, encontrar novas luzes para uma efetiva Pastoral Migratória. Em outros termos, uma pastoral que possa responder aos desafios desse universo cada vez mais intenso, complexo e diversificado que é a mobilidade humana.

Palavras-chave: Migração; Família; Pastoral; Mobilidade Humana

The present article congregates Biblical-theological and pastoral elements linked, at the same time, to the subjects of Family and Human Mobility. The text refers to two books of the Bible in which the two themes are interlaced: The Book of Ruth, in the Old Testament, and The First Letter of Peter, in the New Testament. From both, one develops a rich scenery of images and lessons, which will make possible reflecting the problems and challenges of migrations in the world today. It will also allow finding new lights for an effective Pastoral Care of Migrants. In other terms, a Pastoral that could answer to the challenges of this more and more intense, complex and diversified universe that is the human mobility universe.

Keywords: Migration; Family; Pastoral; Human Mobility

Introdução

O amor desenvolve segredos únicos e invioláveis. Constrói uma intimidade feita de gestos, toques, palavras e carinhos que são únicos.

* Pe. Alfredo J. Gonçalves é sacerdote religioso da Congregação dos Missionários de São Carlos (carlista/scalabriniano). Trabalhou em várias frentes da Pastoral dos Migrantes, foi diretor do Centro de Estudos Migratórios, Secretário Executivo do Serviço Pastoral dos Migrantes e assessor do Setor Pastoral Social da CNBB. No momento, exerce o cargo de Superior Provincial da Província São Paulo.

Cada casal, família ou grupo que se ama, cria uma linguagem que lhe é própria. Uma espécie de código secreto que, simultaneamente, oculta, reveste e protege o terreno do amor mais profundo. O grande escritor russo, Leon Tolstói, dizia que “todas as famílias felizes se parecem, ao passo que as infelizes o são cada uma à sua maneira”.¹ Isso é certo, sem dúvida, mas apenas na aparência. No fundo, a felicidade conjugal ou familiar tem, cada uma, seu mistério e sua identidade.

O balbúcio do amor costuma forjar “inhos” singelos e íntimos. Aparentemente iguais, eles se diferenciam no tom, na cor e na intensidade. “Todas as cartas de amor são tolas” – escreve Fernando Pessoa – “não seriam cartas de amor se não o fossem”. Mas a “tolice” vale apenas para quem vê as coisas do lado de fora. Para os que estão envolvidos em uma determinada intimidade, ela adquire um significado sem igual. Torna-se, muitas vezes, a própria expressão do relacionamento. O que normalmente chamamos de tolice na relação entre duas ou mais pessoas pode ser a senha de acesso a uma língua que só elas conhecem. De quantas loucuras e de quantas bobagens não é capaz o amor!

Essa intimidade única necessita de casa. A casa é a roupa de uma família ou de um grupo que se ama. Sem o revestimento de paredes e de um teto, o amor fica exposto em praça pública à curiosidade da multidão. Da mesma forma que a nudez do corpo, também a nudez da família deve ser secreta e inviolável. Um corpo sem roupa ou uma família sem casa, quando escancarados diante de olhares estranhos, perde o que tem de mais sagrado. A intromissão alheia desnuda e desencanta o mistério de uma existência amorosa. Somente um olhar de profundo amor será capaz de contemplar a nudez e, ao mesmo tempo, revesti-la com o manto do respeito. Olhares curiosos são nocivos e hostis, na medida em que investigam para ferir. Só quem ama entra na vida de outrem visando a cura e o crescimento recíproco. O olhar estranho, ao contrário, costuma devastar, dissecar e destruir os fios secretos e solidários tão laboriosamente tecidos pelo relacionamento.

A partir dessas considerações, é fácil imaginar o drama de uma família que não dispõe de um chão onde erguer a própria casa. Sua dignidade enquanto grupo que se ama encontra-se inteiramente ameaçada, como uma planta com as raízes expostas ao sol. Como se proteger dos olhares indiscretos, dos dedos em riste e das palavras envenenadas, ou seja, das “pedras” atiradas por estranhos e curiosos? Como garantir a inviolabilidade de uma vida íntima, bem como a saúde física, emocional e psíquica da

¹ TOLSTOI, Leon. *Anna Karenina*, in *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, v. II, 1993, p. 13.

família? Como preservar o direito indispensável aos próprios segredos? O dito popular segundo o qual “quem casa quer casa” expressa bem esse direito e essa necessidade fundamental.

São milhões de famílias expostas hoje a essa condição de total nudez. A situação se agrava ainda mais com o êxodo rural, o desemprego, a exclusão social e as migrações. Os migrantes convertem-se nas primeiras vítimas desse desenraizamento. Daí a relação estrita entre o amor e a família, a casa e a pátria. Divorciar esses conceitos é comprometer a base sólida da vida familiar. Daí também a urgência de interconectar as lutas pela terra e na terra, pelo trabalho e pelos direitos básicos de uma cidadania digna e justa. Todas elas devem formar uma única rede em defesa dos empobrecidos. Numa sociedade marcada, de um lado, por migrações intensas, complexas e diversificadas, e, de outro, pelo pluralismo cultural e religioso, as variáveis pessoais, familiares, econômicas, políticas, sociais e culturais se entrelaçam de tal maneira que é impossível não considerá-las em conjunto.

1. Livro de Rute: resistência e Esperança do Migrante²

O Livro de Rute constitui uma “história exemplar”, onde entra em cena o relacionamento entre israelitas e estrangeiros, colocando-se em pauta a abertura da salvação para estes últimos. A narração opõe-se ao nacionalismo exacerbado do período pós-exílico, bem como a todo tipo de discriminação e preconceito para com povos de outras nações. O relato está ambientado no tempo dos Juízes, isto é, no contexto pré-monárquico do ano 1100 a.C. Porém, foi escrito por volta do ano 400 a.C., quando os judeus retornavam do exílio babilônico. Trata-se de um gênero literário chamado *midrax*, o que significa elaboração livre sobre temas da Sagrada Escritura à luz da caminhada do povo. Utilizando o mesmo processo, podemos hoje interpretar a trajetória de Rute no universo intenso e complexo da mobilidade humana, que vem se acentuando na economia globalizada do neoliberalismo.

A partir de uma história familiar, o texto retrata a luta dos pobres em busca de seus direitos e de sua sobrevivência. Além disso, procura

² Resumo da história do Livro de Rute: num tempo de muita fome no país, Elimelec decide sair de Belém de Judá. Acompanhado da esposa Noemi e dos filhos Maalon e Quelion, parte para os Campos de Moab. Após a morte do marido, Noemi fica sozinha com os filhos. Estes logo casam, um com Orfa, outro com Rute. Depois, morrem também eles, e Nomei se vê novamente só, agora com as duas noras. Resolve então voltar a Judá, mas somente Rute se dispõe a acompanhá-la. Em Judá, por cumprimento da lei do levirato, Rute casa-se com Boaz, parente de seu falecido marido. Deste casamento nasce Obed, que será o avô de Davi, garantindo assim a terra, a família e a posteridade.

aprofundar o cumprimento da lei, ou até sua modificação quando ela não mais se presta à defesa incondicional da vida. O fato de Rute, uma estrangeira, ser a protagonista do livro revela que a salvação não tem fronteiras: o projeto de Deus ultrapassa os limites estreitos do nacionalismo e da exclusão social. Por outro lado, sendo mulheres, o protagonismo de Rute e Noemi desvenda uma vigorosa presença feminina num universo fortemente comandado pelo poder político e religioso dos homens. Apesar disso, em momento algum se vê esboçada uma crítica mais contundente à sociedade patriarcal de então.

Seguindo os passos de Noemi e Rute, no vaivém tumultuado de sofrimentos e lutas, podemos identificar um roteiro que, em grande parte, está em sintonia com o ir e vir dos migrantes atuais. Neste percurso, não será difícil resgatar as lições de vida, de fé e de esperança que os caminheiros de ontem e de hoje nos apresentam. São lições do caminho que se revestem de resistência, tenacidade e sabedoria. E são também portas abertas para refletir e lutar sobre a possibilidade de uma sociedade diferente, a partir de uma experiência histórica marcante.

1.1 Por que sair da terra natal?

No tempo em que os juízes governavam, houve uma grande fome no país e um homem de Belém de Judá foi morar nos campos de Moab, com sua mulher e seus dois filhos (1,1).

A primeira lição é de que as causas mais profundas da migração não se reduzem a motivações puramente pessoais nem puramente sociais. Antes, constituem um misto de ambas. Quando alguém decide sair com a família é porque, em geral, vê-se forçado a isso por um contexto sócio-econômico desfavorável. Mas a decisão de partir pode ser retardada ou mesmo suspensa, dependendo de uma série de fatores ligados ao ambiente familiar ou à tradição local.

Por outro lado, em contrapartida às condições adversas da terra onde nascemos, forja-se a esperança de dias melhores em outra região ou país. Os chamados “fatores de expulsão” e “fatores de atração” se mesclam num entrelaçamento complexo, em que se torna quase impossível estabelecer predominância de uns sobre outros. Ambos, por sua vez, entrecruzam-se com elementos psicossociais ou razões vinculadas à herança familiar de um determinado grupo. Em síntese, as razões dos deslocamentos humanos formam um emaranhado inextricável de causas e efeitos, onde uns e outros se fundem, se misturam e se alternam a um só tempo.

O que está em jogo é, antes de tudo, a sobrevivência da família. Mas aqui também é preciso ter cuidado. Quando se fala de sobrevivência, não se trata de algo estritamente econômico ou social. Os laços de parentesco ou de compadrio e as relações de vizinhança, bem como fatores de ordem cultural e religiosa, exercem uma relevância considerável e nem sempre medida pelos critérios científicos. Não raro, mesmo em situação precária, a rede de amizade e conhecimento assegura a sobrevivência. Outras vezes, embora as condições materiais sejam razoáveis, a família prefere partir a sentir-se estranha no meio de sua gente.

Enfim, partir não é uma decisão fácil. A pressão externa pode agravar-se em casos de estiagens prolongadas, de enchentes ou de tragédias familiares. Mas para além de tais catástrofes “naturais”, esconde-se, na grande maioria dos casos, uma estrutura fundiária ou um contexto sócio-econômico concentradores e excludentes. E, para aquém delas, persiste sempre uma ligação vital com o solo pátrio e com os entes queridos, ligação que pode adiar ou antecipar a hora da partida. Embora tangido por forças incontrolláveis, de fora, o ato de cortar raízes mantém sua irredutível decisão pessoal.

1.2 Retornar à terra natal: o sonho que não morre

Então, com suas noras, preparou-se para voltar dos Campos de Moab, pois ficara sabendo que Javé visitara seu povo dando-lhe pão. Saiu com suas noras, do lugar onde tinham morado e puseram-se a caminho, para voltar à terra de Judá (1,6-7).

A partida costuma ser dolorida. Sofre quem sai e sofre quem fica. Laços se rompem, raízes ficam expostas ao sol. Com a separação e a distância, duras feridas se abrem. Nem todas conseguem cicatrizar. A saudade e a solidão formam o lado invisível da dor. À precariedade das condições sociais acrescenta-se o sofrimento de ver-se por todos abandonado, o que em alguns casos pode levar à depressão e até ao desespero.

Mas, o sonho do regresso permanece de pé. Longe da família e da terra onde estão enterrados os entes queridos, a esperança de um dia voltar alimenta os que partiram. Alimenta também os que ficaram. O reencontro é sempre um horizonte a ser alcançado, um sonho que não morre. Uma chama que mantém viva e permanente a possibilidade de retornar. Sentimento expresso com rara maestria no lamento do salmo 137, quando os exilados “junto aos canais da Babilônia sentam-se e choram com saudades de Sião, penduram suas harpas”. Porém, sua boca volta a “encher-se de riso e sua língua de canções” quando “Javé mudou a sorte de Sião”, como se vê no salmo 126.

Quando as condições se tornam mais favoráveis, ganha força a idéia do retorno. Na verdade, é uma brasa que jamais se apagou. Um sopro de vida nova basta para reacendê-la. São poucos os migrantes que não sonham regressar à terra de nascimento. O exílio – seja de Rute ou do migrante de hoje – faz voltar os olhos para a pátria. Este sentimento tem dupla face: um lado negativo, em que o retorno se nutre de um saudosismo doentio; e um lado positivo, a partir do qual a volta pode significar a recriação de novos laços e novas formas de luta pela vida. Ou seja, o regresso pode conduzir ao berço de um passado morto e sem perspectiva de mudança, mas pode também engendrar uma nova vitalidade com vistas à construção de um mundo justo e solidário. Caberia aqui refletir mais longamente, com Sayad, sobre o conceito de “nostalgia da casa natal, ou de “casa dos antepassados”.³

A exemplo de Rute, quantos migrantes, ao retornarem após longo período fora de casa e da terra, fazem de sua experiência acumulada um grande instrumento de luta pelos direitos fundamentais à existência humana, na busca por melhor qualidade de vida? Quantas vezes a própria migração, não obstante as adversidades do caminho, acaba abrindo os olhos para a dignidade de toda pessoa? Apesar de todos os obstáculos, não podemos ignorar que caminhar é aprender. Não são poucos os migrantes que, após longos anos de convívio com a organização sindical, por exemplo, voltam à região de origem muito mais conscientes de seus direitos e mais combativos. No caso das mulheres, às vezes a saída para a zona urbana as torna mais aptas para libertarem-se de um patriarcalismo tão enraizado na cultura brasileira. Sem esquecer, evidentemente, que outras terminam por cair em outro tipo de dominação, como é o caso do tráfico sexual ou do trabalho escravo.

1.3 A Solidariedade dos que estão a caminho

Ao contrário de Orfa, que deixou a sogra Noemi e regressou para junto de seu povo moabita, “Rute ficou em sua companhia” (1,14).

Respondeu Rute: “não insistas comigo para que te deixe, pois para onde fores, irei também, onde for tua moradia, será também a minha, teu povo será o meu povo e teu Deus será o meu Deus. Onde morreres, quero morrer e ser sepultada” (1, 16-17).

Partiram, pois, as duas e chegaram a Belém. À sua chegada, Belém inteira se alvoroçou e as mulheres diziam: “Esta é Noemi?” Mas ela

³ SAYAD, Abdelmalek. “O retorno, elemento constitutivo do imigrante”. *Travessia* (número especial). Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios (CEM), ano XIII, janeiro 2000.

respondeu-lhes: “não me chameis de Noemi; chamai-me de Mara, pois Shaddai me encheu de amargura. Parti com as mãos cheias, e Javé me reconduz de mãos vazias!” (1,19-21).

Os caminhos da migração são íngremes, pontilhados de pedras. Enquanto as pedras machucam os pés, as incertezas se escondem atrás de cada curva. Muitas vezes, como no caso de Rute, o próprio retorno reveste-se de profunda amargura. De fato, nada mais triste e desolador para o migrante do que voltar de mãos vazias. Ninguém admite partir em busca de vida nova e retornar como um fracassado. Aliás, entre parêntesis, isso explica muitas vezes as “mentiras” que os migrantes utilizam para esconder dos familiares sua verdadeira situação de desemprego, abandono e miséria em que se encontram. Nestes casos, as ilusões da partida se convertem em tristes decepções do regresso! A volta do migrante perdido e desencantado, aos olhos da terra natal, dos parentes e dos conhecidos, pode destruir por completo o mito do herói distante.⁴

Mas é justamente aí, em meio às maiores privações, que o solo se torna fecundo em gestos de solidariedade. Solidariedade especialmente daqueles que vivem ou viveram situações semelhantes. Rute, diferentemente de sua cunhada Orfa, não aceita abandonar a sogra. O momento é difícil para as três mulheres. Mais do que nunca é preciso permanecer juntas. Se uma delas prefere seguir o próprio caminho, a outra busca a direção inversa. Daí sua decisão de deixar o próprio povo e voltar com Noemi para Judá. E assim os destinos de ambas, sogra e nora, marcados pela dor e pela esperança, se entrelaçam para sempre. Daqui para frente, nada e ninguém as poderá separar. As relações que, no passado imediato, teceram o destino dos personagens reforçam-se para projetar o porvir.

Da parte de Rute, trata-se de uma decisão sem dúvida dolorosa. Uma opção que supera, inclusive, qualquer gesto solidário. Como o texto sugere, trata-se de adotar um novo povo, uma nova cultura e até um novo Deus. Entramos aqui no miolo mesmo do livro de Rute, isto é, a superação do exclusivismo histórico do povo judeu. O testemunho de Rute mostra que o Deus de Israel não tem fronteiras. Num momento em que grassava um forte nacionalismo, próprio dos tempos do pós-exílio, a narrativa procura exemplificar como uma estrangeira se abre ao amor salvífico de Javé. O amor de Deus rompe barreiras, discriminações, preconceitos e racismos, estendendo-se a todas as pessoas indistintamente. Não há limites para a ação divina na história da humanidade.

⁴ AMORIN, José Edilson. “A difícil viagem de retorno à aldeia, comentando o romance *Essa Terra*, de Antonio Torres” in *Travessia*. Revista do Migrante. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, maio/agosto 2002, p. 10-16.

1.4 A força do parentesco e o direito de respigar

[Direito de respigar] Quando segares a messe na vossa terra, não segarás até o limite extremo do teu campo e não respigarás a tua messe. Deixarás as espigas caídas para o pobre e para o estrangeiro (Lev 23,22). Quando estiveres ceifando a colheita em teu campo e esqueceres um feixe, não voltes para pegá-lo: ele é do estrangeiro, do órfão e da viúva, para que Javé teu Deus te abençoe em todo trabalho das tuas mãos. Quando sacudires os frutos da tua oliveira, não repasses os ramos: o resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva. Quando vindimares a tua vinha, não voltes a rebuscá-la: o resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva. Recorda que fostes escravo na terra do Egito. É por isso que eu te ordeno agir deste modo (Dt 24,19-22).

Noemi tinha um parente por parte de seu marido, pessoa importante, da família de Elimelec, cujo nome era Boaz (2,1).

Rute passa a colher espigas na terra de Boaz (2,2-7).

[Boaz lhe disse] Foi-me contado tudo o que fizeste por tua sogra após a morte do teu marido, e como deixaste pai e mãe e tua terra natal para vires morar no meio de um povo que antes não conhecias. Que Javé te retribua o que fizeste e que recebas uma farta recompensa da parte de Javé (2,11-12).

Na grande maioria dos casos, a migração constitui um golpe para a família. A separação e a ausência tendem a desfazer os laços que cimentam, geração após geração, um grupo familiar. Mas, é notória a teimosia dos migrantes para refazer tais laços, seja chamando e reagrupando os membros do grupo nos locais de destino, seja alimentando o sonho de retornar aos locais de origem. Em ambos os casos, verifica-se o empenho em reconstruir os intercâmbios de apoio mútuo, ou, não raro, o esforço para costurar novas redes de solidariedade.

Assim procuram fazer Boaz, Rute e Noemi. E o fazem apoiando-se numa antiga lei do Levítico – o direito de respigar – que procura defender o direito dos pobres contra a acumulação indevida. Numa palavra, a luta pela reconstrução da família se junta à luta mais ampla do “estrangeiro, do órfão e da viúva”, isto é, dos excluídos da sociedade judaica. No fundo, não se trata de dois caminhos paralelos, mas de duas dimensões de um mesmo projeto de vida. A fé em Deus leva a perceber que os direitos pessoais e familiares estão interligados aos direitos econômicos, sociais, políticos, e culturais. Não há dicotomia entre o esforço por uma vida privada saudável e a construção coletiva de uma nova ordem social. Ambos os sonhos –

pessoal e social – se complementam e se enriquecem, um sustentando e sendo sustentado pelo outro.

A solidariedade de Rute para com sua sogra desdobra-se em atos concretos pela defesa dos direitos fundamentais à sobrevivência de todos. Reciprocamente, a busca e concretização de tais prescrições previstas na lei reforçam os laços de parentesco rompidos pela migração e pela morte. Resulta que a família e a sociedade saem ambas fortalecidas por uma atitude de dupla face: o resgate do parentesco e o resgate dos direitos sociais. Resgatar a família é resgatar todo o povo e, simultaneamente, aplicar as leis que preservam a vida dos pobres é garantir a dignidade do clã ou grupo familiar.

Numa palavra, não basta o direito de respigar. É preciso avançar para a construção de uma sociedade justa, igualitária e sem exclusão social. Sociedade onde a ninguém mais seja exigida semelhante humilhação de viver dos restos alheios. Como diria Mauro Santayana⁵, jornalista de Brasília, o pão da esmola, regado com as lágrimas da vergonha, deve ser substituído pelo pão do trabalho digno. Os esforços de Rute apontam nessa direção, em que o mero assistencialismo é superado pela justiça social.

1.5 Direito de resgate sobre a terra

Boaz não é o parente mais próximo: “Ora, realmente tenho o direito de resgate, mas há um outro parente mais próximo que eu. Passa a noite aqui e amanhã cedo, se ele quiser exercer seu direito de resgate sobre ti, está bem, que ele te resgate; se, pelo contrário, não quiser te resgatar, eu te resgatarei” (3,12-13).

Mas Boaz disse: “No dia em que adquirires esse campo da mão de Noemi, estarás adquirindo também Rute, a moabita, a mulher daquele que morreu, para perpetuar o nome do morto sobre seu patrimônio” (4,5).

O direito de resgate fundamenta-se em dois costumes tradicionais:

a) O costume de evitar a alienação do patrimônio:

A terra não será vendida perpetuamente, pois que a terra me pertence e vós sois para mim estrangeiros e residentes temporários. Para toda a propriedade que possuídes, estabeleceréis o direito de resgate para a terra. Se o teu irmão cair na pobreza e tiver de vender algo do seu patrimônio, o seu parente mais próximo virá a ele, a fim de exercer seus direitos de família sobre aquilo que vende o seu irmão (Lev 25,23-25.47-49).

⁵ Palestra proferida pelo jornalista num encontro da 4ª Semana Social, em Brasília-DF, março de 2002.

b) O costume do levirato. Está em jogo a posteridade:

Quando dois irmãos moram juntos e um deles morre sem deixar filhos, a mulher do morto não sairá para casar-se com um estranho à família; seu cunhado virá até ela e a tomará, cumprindo seu dever de cunhado... (Dt 25,5-10).

Desde os tempos mais antigos da aliança de Javé com Abraão, também ela ligada a um movimento migratório, a descendência está estreitamente vinculada à posse da terra: "Javé disse a Abraão: 'deixa teu país, tua parentela e a casa de teu pai, para o país que eu te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê tu uma bênção!'" (Gn 12,1-2). O mesmo podemos dizer da experiência fundante do êxodo. A libertação do povo das garras do Faraó ocorre em vistas de um duplo objetivo: conduzir a uma nova terra, onde "corre leite e mel" e multiplicar os filhos e filhas do povo, como se pode ver no chamado "credo histórico" de Israel (Dt 26,5-10). Posse da terra e descendência numerosa são duas coisas inseparáveis. Fora de sua pátria e sem a posse da terra, o povo está condenado a perecer. Mas crescerá "como as estrelas do firmamento e como as areis da praia" se mergulhar suas raízes num solo próprio. Nos escritos sagrados, povo e terra estão indissolivelmente casados.

Mais uma vez, os personagens do Livro de Rute retomam as prescrições da lei para acrescentar um novo elemento à coesão do clã – a terra. Assim, o esforço pela reconstrução da família e da sociedade passa, necessariamente, pelo resgate da terra. A narração remonta ao capítulo 25 do Levítico, sobre o ano jubilar. O pobre, destituído da terra pelo acúmulo de dívidas, pode a ela retornar e recomeçar a vida a cada sete anos. O jubileu oferecia aos pobres endividados uma nova oportunidade de vida. O exemplo de Rute expressa uma tríplice reinserção social: na terra, na família e na sociedade. Neste sentido, podemos até acrescentar que a narração vai além da simples indignação de Neemias diante da escravidão do povo por causa das dívidas contraídas (Ne 5, 1-6).

Não é difícil imaginar o que poderia significar, para os tempos de hoje, esse espírito bíblico do ano jubilar. Quais seriam, por exemplo, as conseqüências benéficas para os países pobres, no caso de poderem livrar-se de suas dívidas históricas e injustas! Ou então, no mundo das migrações em massa, quais as implicações dessa inclusão social em três perspectivas: a conquista de uma terra onde morar e trabalhar, o resgate da dignidade familiar sobre um chão firme e próprio e a luta coletiva por um projeto novo de sociedade!

1.6 O casamento assegura a herança e a posteridade

Boaz disse aos anciãos do povo: “sois testemunhas hoje de que comprei da mão de Noemi tudo o que pertencia a Elimelec e tudo o que pertencia a Quelion e a Maalon; ao mesmo tempo adquiro por mulher Rute, a moabita, viúva de Maalon, para perpetuar o nome do falecido sobre sua herança e para que o nome do falecido não desapareça do meio de seus irmãos nem da porta de sua cidade” (4,9-10).

Para assegurar o resgate da terra, da família e dos direitos sociais, a narrativa serve-se do amor conjugal. O sentimento entre Boaz e Rute supera até mesmo o direito de outro parente, o qual, ao descobrir que a posse da terra estava vinculada à união com a mulher, diz sem mais rodeios: “Não posso fazer isso, porque eu acabaria prejudicando meu patrimônio e meus herdeiros” (4,6). O amor de um parente mais afastado supera o egoísmo do mais próximo.

Nasce assim um novo projeto de vida, alicerçado sobre três fortes pilares: um renovado amor conjugal que há de sustentar a nova família, a posse de uma terra resgatada da mão dos usurpadores e a certeza de que os pobres hão de ter seus direitos respeitados. Fica assegurada, além disso, a herança do clã não só em termos materiais, mas principalmente em termos de valores e do nome vinculados a um tronco familiar. Em poucas palavras, é a continuidade de um povo que está em jogo. Continuidade que requer, numa linguagem moderna, um solo como pátria, a força unificadora do parentesco e a preservação dos direitos de cidadania.

Os três pilares indicados, como sabemos, fazem parte do sonho de todo migrante. Quantos deles passam a vida lutando – às vezes em vão – pela reunificação dos familiares sob novas bases de solidariedade e de sobrevivência, por um pedaço de chão onde possam reerguer seu projeto de vida e pela conquista ou defesa de direitos que lhe são sempre negados?! Cidadania plena inclui, ao mesmo tempo, proteção à família, endereço fixo e sólido e participação efetiva nos benefícios do progresso que todos ajudam a construir.

1.7 O filho da esperança

Assim Boaz desposou Rute, que se tornou sua esposa. Uniu-se a ela, e Javé deu a Rute a graça de conceber e ela deu à luz um filho. As mulheres disseram então a Noemi: “Bendito seja Javé, que não te deixou sem alguém para te resgatar; que o seu nome seja célebre em Israel! Ele será para ti um consolador e um apoio na tua velhice, pois quem o gerou é a tua nora, que te ama, que para ti vale mais do que sete filhos” (4,13-15).

O final do relato aponta claramente para uma perspectiva messiânica. Como diz o texto, “E lhe deram o nome de Obed. Obed foi o pai de Jessé. E Jesse foi o pai de David” (4,17).

O nascimento do menino faz renascer não apenas a esperança de Rute e de Noemi na posteridade da família, mas também a certeza de continuidade para o povo como um todo. Uma vez mais, a história pessoal e familiar de Rute se confunde e se entrelaça com a história de todo Israel. Obed significa servo, ou seja, o recém-nascido renova a fé e a esperança de que os pobres terão um rei a serviço de um novo projeto social, fundamentado na justiça e na paz.

Fruto e ao mesmo tempo símbolo dos laços de parentesco refeitos, o menino é igualmente fruto e símbolo de uma nação que deverá reerguer-se sobre novas bases. Do tronco de David nascerá o Messias, a grande esperança para o Povo de Israel. Após um período turbulento de vaivém e de sofrimento, a criança garante o futuro e a felicidade da família. Garante, além disso, que a terra não será alienada. E garante, por fim, a posteridade de todo o povo. Mais que isso, traz a certeza de um destino salvífico, na medida em que seu nascimento preconiza a vinda do Messias esperado.

Por outro lado, Obed resgata o povo de uma anomia ameaçadora. Sem terra, sem família e sem uma posteridade assegurada, a tendência é a perda não só das raízes histórico-culturais, mas também do próprio nome. O exemplo mais flagrante são os migrantes nas grandes metrópoles. Ali, na cidade grande, a multidão é também deserto, anonimato, massa hostil e desconhecida. Na transição do universo rural para o universo urbano, valores e referências se perdem no imenso rio de pessoas que correm e se atropelam pelas ruas apinhadas. Todos se acotovelam, mas ninguém se conhece. Como os prédios, a calçada e os viadutos, as pessoas parecem feitas de concreto. O brilho dos carros e das luzes, aos olhos do recém-chegado, mais cega do que ilumina. A luta diária e feroz por um emprego, um lugar para morar, pela saúde e por tantas outras coisas implica igualmente o esforço para ganhar ou recuperar o nome. Nome que, vinculado a um endereço fixo, significa crédito, conhecimento e relações estáveis e duradouras. Diante dos golpes impingidos pelo vaivém da migração, Obed é signo de serviço, luta e solidariedade para com o resgate integral da dignidade da pessoa humana.

Numa perspectiva histórica, o nascimento de Obed une o passado, o presente e o futuro. A experiência dos anos vividos em terra estranha, marcados por dor e lágrimas, ensina a viver os dias atuais com base em novos laços de solidariedade, ao mesmo tempo que fortalece a luta pela construção de um projeto social alicerçado na justiça e no direito.

Na novela exemplar de Rute, memória e esperança estão ligadas de tal forma que, reciprocamente, uma se nutre e é nutrida pela outra. Aliás, na trajetória bíblica, tanto o movimento profético quanto o esforço de restauração de Israel após o exílio vão ambos mergulhar suas raízes na memória do êxodo. Em sua leitura revestida pelo sagrado, o mesmo Deus que tirou os escravos do Egito e os conduziu a uma nova terra, jamais se olvidará do futuro de seu povo eleito. Javé, o Deus da aliança, se mantém fiel. É com olhos fixos no retrovisor dessa experiência que Israel ganha energia para avançar na estrada.

Conclui-se que o livro de Rute resume uma lição fundamental: é através da resistência solidária e do companheirismo entre as pessoas que os pobres podem projetar e realizar mudanças históricas fundamentais. Rute ajuda a manter a utopia de Israel, na medida em que, com os pés firmes no chão, levanta os olhos para o amanhã. O nascimento de seu filho Obed, como ponto final do relato, sinaliza os rumos dessa utopia, sempre viva e ativa. Como os migrantes de todos os tempos, o caminho desperta o interesse pelo horizonte. Cada criança que nasce, diz o poeta, “é um sinal de que Deus ainda confia no gênero humano”. Obed é a garantia de que o futuro está nas mãos de Javé, pois anuncia que o Messias virá a serviço do Projeto de Deus na história.

A sociedade moderna caracteriza-se pelo comportamento imediato das cifras econômicas – sobe e desce da bolsa de valores, cotação do dólar, equilíbrio ou desequilíbrio da balança de pagamentos, elevação ou queda do risco país! Os estudiosos do economicismo limitam-se a observar esses termômetros, desconsiderando a qualidade de vida da população. Abdica-se de um projeto de sociedade em favor do efêmero, do aqui e agora, de um presente contínuo e sem amanhã. As maiores vítimas desse afã do ter, do prazer e do poder imediatos são os pobres, o planeta Terra/Água e, conseqüentemente, as gerações futuras. Conforme o comentário de Jean-Claude Guillebaud⁶, citando Alain Madelin, a condução da economia foi colocada no piloto automático do mercado, deixando de subordinar-se ao piloto manual da política e da ética. Os resultados, como bem sentimos atualmente, são devastadores.

O exemplo de Rute, com o término apontando para um futuro promissor, ajuda a retomar a perspectiva histórica. Ajuda a retornar às fontes com vistas a empreender passos novos. É isso que ela realiza. Resgata o espírito da lei, oculto por uma política nacionalista e exclusivista, com o objetivo de recriar o plano de Deus na história do povo e na sua

⁶ GUILLEBAUD, Jean-Claude. Une Logique Totalitaire, in *La Refondation du Monde*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. 93-99.

própria história. Talvez seja o ato mesmo de ter migrado que lhe abre essa nova luz. O sofrimento dos migrantes costuma ser terreno fértil para a solidariedade e esta, por sua vez, estende-se para além dos interesses pessoais ou familiares. Na luta de Rute e na luta dos migrantes de hoje, não será difícil desenhar os traços de uma sociedade justa, igualitária e fraterna. O caminho e a dor são em geral grandes mestres. Neles e a partir deles, forjam-se sonhos, engendram-se consciências ativas, formam-se movimentos sociais e pode-se mobilizar todo um povo. Mais uma vez, a saga de Israel através do deserto, supera um passado de escravidão, em busca de um futuro na Terra Prometida.

2. Um lar para quem não tem casa: comentários à Primeira Carta de Pedro

“Um lar para quem não tem casa” é o título conferido por uma edição da Bíblia à primeira carta de Pedro (1Pd).⁷ Segundo ela, a carta foi escrita “aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia”(1Pd 1,1). É também o título do estudo clássico de J.H. Eliot.⁸ De início, devemos saber quem é o autor da carta, quando foi escrita e quem são seus destinatários.

Não se trata de uma carta do apóstolo Pedro, de acordo com os estudiosos do texto. É antes uma homenagem que o autor desconhecido faz à sua figura. Diz Paulo Nogueira que “no mundo antigo era comum um autor se apoiar no nome de uma grande personalidade do passado. Fazia isso para buscar aceitação para o seu escrito e para mostrar sua ligação com esse mestre. Esse tipo de autoria se chama autoria pseudônima”.⁹

A carta foi escrita por volta do ano 100 de nossa era, e dirigida aos estrangeiros que viviam nas comunidades da Ásia Menor, com a finalidade de prepará-los para um período de grandes provações e de perseguição. Sua mensagem procura reforçar uma espiritualidade de resistência entre os cristãos.

Voltando ao comentário bíblico supra citado, vejamos como são definidos os destinatários da carta:

são migrantes que vivem fora da pátria, seja porque partiram em busca de trabalho para sobreviverem, seja porque eram escravos comprados

⁷ Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

⁸ ELIOT, John H. *Um lar para quem não tem casa*. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro. São Paulo: Paulus, 1985.

⁹ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *As Cartas de Pedro*. O Evangelho dos sem-teto. São Paulo: Paulus, 2002. Série “Como lera a Bíblia”.

que permaneciam na casa de seus senhores, longe do local de origem. Esses cristãos tinham deixado suas raízes, os parentes e amigos e se encontravam em situação de isolamento em regiões que não lhes davam o aconchego e acolhida que tinham na própria terra. Sofriam humilhações, injúrias, perseguições por serem escravos e cristãos.¹⁰

Tais características coincidem, em grande parte, com a situação concreta dos migrantes nos dias de hoje, além de lembrarem também a trajetória de Rute: a perda das raízes e das referências, a luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida em terra estranha, a insegurança longe da própria da família e da pátria, os problemas enfrentados no dia-a-dia, o preconceito e a discriminação de que são alvos fáceis os estrangeiros.

2.1 Sem raízes, sem pátria e sem teto

Duas observações da primeira carta de Pedro ajudam a identificar com maior precisão a realidade concreta de seus destinatários. Antes de tudo, logo na abertura, a carta vai dirigida aos “estrangeiros dispersos” nas comunidades da Ásia Menor (1Pd 1,1). A condição de estrangeiros tem implicações diretas para o status de cidadania. Hoje, mais do que nunca, sabemos o que isso significa. A falta de documentos, a situação irregular, a clandestinidade acarretam as piores conseqüências para quem enfrenta a luta pela sobrevivência. O fato de não serem considerados “cidadãos legais” fecha muitas portas.

Longe da própria terra, sem raízes, os migrantes acabam por cair na pobreza. O círculo vicioso é implacável: o fato de viverem como clandestinos impossibilita a inserção na sociedade; ficando do lado de fora, não há como arrumar trabalho; o resultado é o agravamento da pobreza que, por sua vez, os afasta cada vez mais de uma situação regular, reforçando a condição de estranhos. Numa palavra, ilegalidade, falta de cidadania digna e miséria constituem realidades convergentes. Em razão disso, sobra para os migrantes os serviços mais degradantes e mal remunerados.

Daí a sugestão do apóstolo: “Vocês chamam de Pai àquele que não faz distinção entre pessoas, mas que julga cada um segundo as próprias obras. Portanto, comportem-se com temor durante esse tempo em que se acham fora da pátria” (1Pd 1,17). O temor de Deus, entendido como confiança em Sua justiça e igualdade, deverá servir de consolo para os que perderam as raízes e referências. Consolo que, como veremos adiante, não

¹⁰ Introdução à Primeira Carta de Pedro. Edição Pastoral da Bíblia Sagrada. São Paulo: Paulus, 1991, p. 1567.

se limita a cruzar os braços, mas que representa uma espécie de trampolim para a resistência e o enfrentamento dos problemas vividos.

A segunda observação sobre a realidade dos destinatários da Carta refere-se ao binômio “peregrinos e forasteiros” em (1Pd 2,11). Seguindo a interpretação de Paulo Nogueira, a palavra peregrinos – em grego: *paroikoi* – pode ser literalmente traduzida como estrangeiros residentes, e a palavra forasteiros – em grego: *parepidemoi* – identifica os estrangeiros que nem sequer tinham o direito de permanência no país. Eram, portanto, estranhos – em grego: *xenoi* – e por isso sem qualquer direito.

A eles o apóstolo dirige as seguintes palavras:

Amados, vocês são peregrinos e forasteiros. Por isso, recomendo que fiquem longe dos desejos baixos que provocam guerra contra vocês. Comportem-se de modo exemplar entre os pagãos, a fim de que eles, mesmo falando mal de vocês como se fossem malfeitores, ao verem as boas obras que vocês fazem, glorifiquem a Deus no dia do julgamento (1Pd 2,11-12).

A impressão é que os estrangeiros eram vistos como uma espécie de bodes expiatórios, “malfeitores” acusados de qualquer desordem social ou política que pudesse ocorrer. Era fácil jogar a culpa dos distúrbios sobre um grupo já em si hostilizado por todos. Mas a situação tornava-se pior ainda se este grupo usasse os “desejos baixos” contra seus próprios membros. Por isso a recomendação ao bom comportamento como forma de proteção, ou pelo menos como estratégia de não agravar a perseguição que pesava sobre eles. Uma conduta reta imunizava contra outros perigos.

O conceito de estrangeiros sobre a terra nos remete à teologia do êxodo que transparece nos escritos do Antigo e do Novo Testamento. O Povo de Israel como povo peregrino a caminho da Terra Prometida ou do Reino de Deus. Cabe aqui uma lembrança à sabedoria da transitoriedade, como mística de um povo que faz de cada chegada uma nova partida. Os pés dos caminhantes aprendem uma lição de profunda espiritualidade: o caminho depura a bagagem e depura a alma. Leva a ater-se apenas ao essencial, a livrar-se de pesos inúteis, para que a caminhada se torne mais leve. Torna-se quase obrigatória aqui a imagem de Ulisses, “o personagem errante” de Homero, para quem navegar é renascer a cada passo, como bem lembra seu tradutor.¹¹ Aliás, “arameu errante” é também Abraão, da mesma forma que o próprio Jesus será um profeta itinerante nos caminhos da palestina (Mt 9,35-38).

¹¹ HOMERO. *Odisséia*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007. Tradução de Donaldo Schuler.

2.2 Estrangeiros, diferentes e perseguidos

Paulo Nogueira¹² identifica três tipos de perseguição no Novo Testamento: a) as forças do Império Romano, como agentes diretos da perseguição; b) os judeus, especialmente suas lideranças e grupos, provocadores de perseguição desde as origens do cristianismo; c) os vizinhos e a população local, como ameaça e discriminação constantes às minorias do Império Romano. Claro que os estrangeiros figuravam entre os mais visados de tais minorias indesejadas.

São várias as referências da Carta às perseguições sofridas, “enquanto estrangeiros e cristãos”. O apóstolo refere-se também à extensão das perseguições sobre os cristãos de outras localidades. Vale a pena tomar nas mãos o texto e conferir alguns exemplos.

E quem lhes fará mal, se vocês se empenham em fazer o bem? Se sofrem por causa da justiça, felizes de vocês! Não tenham medo deles, nem fiquem assustados. Ao contrário, reconheçam de coração o Cristo como Senhor (3,13-15).

Assim, quando vocês forem difamados em alguma coisa, aqueles que criticam o bom comportamento que vocês têm em Cristo ficarão confundidos. Pois, se é da vontade de Deus que vocês sofram, é melhor que seja por praticarem o bem, e não o mal (3,16-17).

Amados, não fiquem alarmados com o incêndio que se espalha entre vocês para prová-los, como se estivessem acontecendo algo estranho no meio de vocês (4,12).

Que ninguém de vocês sofra por ser assassino ou ladrão, malfeitor ou delator. Todavia, se alguém sofre como cristão, não se sinta envergonhado; ao contrário, glorifique a Deus por levar o nome de cristão (4, 15-16).

Semelhantes palavras destilam calúnias, difamações, insultos, ameaças, críticas... enfim, um clima de tensão, discriminação e perseguição. Os romanos, os judeus e os vizinhos mantinham os cristãos estrangeiros sob suspeita constante. As hostilidades e conflitos multiplicavam-se no cristianismo primitivo, como atestam, aliás, outros estudos referentes ao contexto sociológico das cartas de Paulo e dos Atos dos Apóstolos. Sobre os cristãos e sobre os estrangeiros recaía a culpa de numerosos males e

¹² NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *As Cartas de Pedro*. O Evangelho dos sem-teto. São Paulo: Paulus, 2002. Série “Como lera a Bíblia”.

discórdias sociais. São conhecidas de todos as históricas perseguições dos soldados romanos, notadamente sob as ordens do imperador Nero.

À primeira vista, as recomendações do apóstolo parecem ambíguas, no sentido de levar ao conformismo e à passividade. Mas, no ambiente de perseguição em que as comunidades viviam, a Carta se propõe, antes de qualquer coisa, a evitar maiores tempestades sobre os estrangeiros. Sendo estes as vítimas prediletas das hostilidades, o apóstolo preocupa-se com uma estratégia de sobrevivência que os faça suportar o “mau tempo”. Em circunstâncias mais favoráveis, quem sabe, a estratégia poderia ser diferente. No momento, como logo veremos, resta pouco mais a fazer do que manter a fé e a esperança como fermento de resistência e de união.

Na condição de bodes expiatórios sofrem, atualmente, muitos migrantes, não apenas nos países centrais, mas também nos países periféricos e em todo o mundo. Se em tempos passados a sociedade estigmatizou e perseguiu as feiticeiras, as bruxas e os loucos, atualmente os migrantes se vêm discriminados em várias partes do planeta. Num contexto internacional de globalização e de crise, o outro, estrangeiro e diferente converte-se em inimigo. A lógica neoliberal, por sua vez, favorece essa luta de todos contra todos, ao levar ao extremo a concorrência e a competição. O mercado total derruba todas as fronteiras para o capital, mas levanta novos muros, visíveis e invisíveis, para a circulação de pessoas.

Um dos resultados mais perversos dessa seleção natural na economia globalizada é a crescente criminalização dos estrangeiros imigrantes, agravada depois do atentado de 11 de setembro de 2001. São criminalizados seja como trabalhadores em disputa pelas poucas migalhas laborais, seja como cidadãos de direitos negados. Como residentes ilegais, tornam-se os alvos mais visados pela recente onda de combate ao terrorismo e ao narcotráfico, para citar apenas esses dois exemplos. Daí para ao preconceito, à discriminação e à perseguição aberta, basta um passo. Isso explica os recentes movimentos xenófobos em alguns países da Europa, mas também em cidades como São Paulo.

As observações de Paulo Nogueira à primeira carta de Pedro nos levam a perguntar até que ponto nossas comunidades, hoje, são efetivamente um referencial de resistência e luta para os que sofrem a exclusão social. Os excluídos vêm nelas um refúgio, um abrigo, um lugar de encontro? A mesma questão poderia ser dirigida à própria Pastoral dos Migrantes: em que medida esta pastoral constitui um verdadeiro ponto de referência para os sem raiz e sem pátria, sem terra e sem rumo? Onde a enorme e crescente multidão dos “sem” encontram hoje refúgio e proteção?

2.3. A casa/família como referencial de segurança

Estudando as origens sociais do cristianismo primitivo, Ekkehard W. Stegemann e Wolfgang Stegemann¹³ chamam a atenção para a importância da instituição casa/família no nascimento e consolidação das comunidades cristãs. Seus comentários referem-se ao contexto social dos Atos dos Apóstolos e das cartas paulinas, mas, guardadas as diferenças, podem estender-se para o universo das cartas de Pedro.

Afirmam esses autores que “a casa, a unidade sócio-econômica fundamental das sociedades antigas, tem uma importância fundamental tanto no contexto social das comunidades cristãs primitivas como no vocabulário neo-testamentário”. Segundo eles,

às metáforas da casa e da família correspondem também as exortações éticas do amor ao próximo e do amor fraterno. Estas inspiram-se, a seu modo, em antigas normas de reciprocidade, em que o amor fraterno representa um comportamento solidário no seio da família nuclear ou da parentela, e o amor ao próximo a reciprocidade equilibrada entre vizinhos e amigos... Também a hospitalidade é uma forma de solidariedade no contexto da reciprocidade equilibrada.¹⁴

Ainda de acordo com os Stegemann,

os que acreditavam em Cristo, comprometidos com a missão, encontravam nas casas dos companheiros de fé hospitalidade e, em caso necessário, também apoio econômico. As relações sociais entre os mesmos inspiravam-se na antiga solidariedade de vizinhança e de família. Assim, podemos afirmar com tranqüilidade que as comunidades cristãs, para a concepção que tinham de si mesmas e de suas relações sociais, inspiravam-se no modelo da casa antiga ou do núcleo familiar.¹⁵

Evidente que, ao contrário das comunidades paulinas e dos Atos dos Apóstolos, o contexto social das comunidades da carta de Pedro é muito mais tenso e hostil. Isso leva os cristãos a aplicarem à própria comunidade o conceito de casa/família enquanto referencial de segurança e apoio. Mais precisamente, conforme o comentário da Edição Pastoral da Bíblia, “Pedro escreve, mostrando que a união entre eles, seja na família, seja na comunidade, há de ser tão fraterna e acolhedora, que formem justos a

¹³ STEGEMANN, Ekkehard Wolfgang; STEGMANN, Wolfgang. *Historia social del cristianismo primitivo. Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas en el mundo mediterráneo*. Navarra: Verbo Divino, 2001.

¹⁴ *Ibidem*, p. 377.

¹⁵ *Ibidem*, p. 379.

‘casa de Deus’’. Na mesma linha de pensamento, um breve comentário de Alberto Antoniazzi¹⁶ chama a atenção para “o conflito dos cristãos com a sociedade, segundo a primeira carta de Pedro”. Conflito que fazia da comunidade eclesial um lugar de refúgio, segurança e abrigo, onde se pudesse recomeçar a vida.

J. H. Eliot¹⁷, por sua vez, joga com as palavras gregas *paroikoi*, *parepidemoi* e *oikos*, respectivamente peregrinos, forasteiros e casa. A carta de Pedro, segundo ele, insiste em que a hospitalidade, o amor fraterno e a união entre os cristãos, estrangeiros e perseguidos, converter-se-á em *oikos* para os *paroikoi*, isto é, em casa para os que se encontram fora de casa e da pátria. Traços dessa identificação entre casa, comunidade e pátria encontram-se também na Carta aos Efésios:

Vocês, portanto, já não são estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus. Vocês pertencem ao edifício que tem como alicerce os apóstolos e profetas; e o próprio Jesus Cristo é a pedra principal dessa construção. Em Cristo, toda construção se ergue, bem ajustada, para formar um templo santo no Senhor. Em Cristo, vocês também são integrados nessa construção, para se tornarem morada de Deus, por meio do Espírito (Ef. 2,19-22).

A esta altura, não custaria muito retomar alguns salmos do Antigo Testamento e ver aí a simbologia e espiritualidade da noção de casa. Com freqüência a poesia de tais orações alude à “casa ou tenda de Javé” como sinônimo de refúgio, abrigo, segurança, fortaleza, rocha. Diante das intempéries da caminhada, “uma só coisa peço a Javé e só esta procuro: é habitar na casa de Javé todos os dias de minha vida, para gozar a doçura de Javé e contemplar o seu templo”, diz o salmista (Sl 27).

Por que os israelitas sonhavam com a “casa de Javé”? Talvez porque, sendo um povo peregrino, sempre a caminho, acabaram desenvolvendo e nutrindo o sonho de estabilidade numa casa segura. Tal segurança é transferida para o sagrado e transparece na espiritualidade dos salmos. A realidade dura do caminho e da tenda leva a sonhar com o abrigo da casa. Afinal, como bem sabemos, os sonhos costumam expressar nossas carências mais profundas. Ocorre o mesmo com os poetas e cantores do samba: experimentando a realidade difícil dos barracos “pendurados no morro”, cantam com freqüência o tema da moradia.

¹⁶ ANTONIAZZI, Alberto. *A saída é... ficar*. O conflito dos cristãos com a sociedade segundo a primeira carta de Pedro. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, n. 15, 1987 (Introdução).

¹⁷ ELIOT, John. H. *op. cit.*

Seja como for, o que queremos sublinhar é a conceito de casa enquanto fortaleza. Lugar sólido onde podemos nos abrigar para recuperar as forças. Quem caminha, precisa de um ponto de chegada, ainda que este se transforme em novo ponto de partida. Casa ou tenda, o peregrino necessita descansar, se quiser continuar a caminhada. A casa representa a certeza do pão sobre a mesa, dos amigos ao redor dela e do calor humano. Ou seja, a certeza de que, refeitas as energias, o caminho pode ser retomado.

Resulta que noção de casa/família contém, portanto, quatro dimensões indissociáveis: lugar de segredos e intimidade, onde as pessoas criam ou reforçam laços de família e se sentem em um lar de acolhida e proteção; campo de resistência e mútuo apoio, frente a todo tipo de hostilidades e tensões por parte dos inimigos, como também frente à curiosidade dos estranhos; “ponto de abastecimento” para a recuperação das forças, com vistas a prosseguir a caminhada; horizonte de utopia e esperança, na mística daqueles que, ainda a caminho, buscam e lutam pela construção da Terra Prometida, do Reino de Deus ou de um outro mundo possível.

Não é necessário gastar mais palavras, nem precisamos de muito esforço, para dar-mos conta da relevância desses elementos para o trabalho pastoral junto aos migrantes. São estes, de fato, os atuais estrangeiros, peregrinos e forasteiros – *paroikoi* – de que nos fala o autor da primeira carta de Pedro. Para eles é que a pastoral pode abrir “casas”, pontos de referência, para a defesa de seus direitos e para a luta por uma cidadania universal. Lembramos aqui João Batista Scalabrini, segundo o qual “para o migrante a pátria é a terra que dá o pão”.

Frente ao conjunto das Pastorais Sociais, a Pastoral dos Migrantes, atuando no amplo universo da mobilidade humana, tem essa tarefa específica – a de ser uma casa/referência/pátria para aqueles que se encontram sem raiz, sem chão e sem rumo. Atuando isoladamente, cada Pastoral tende a diluir suas atividades no mar revolto dos conflitos sociais. Mas, na medida em que forma um “campo de ação”, estando a função de cada uma conectada em rede com as demais, temos então o que o Documento de Medellín chama de “pastoral orgânica e de conjunto”.

Bibliografia

- ANTONIAZZI, Alberto. *A saída é... ficar. O conflito dos cristãos com a sociedade segundo a primeira carta de Pedro*. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, n. 15, 1987 (Introdução).
- ELIOT, John H. *Um lar para quem não tem casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo: Parlos, 1985.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *As Cartas de Pedro. O Evangelho dos sem-teto. Série "Como lera a Bíblia"*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SAYAD, Abdelmalek. "O retorno, elemento constitutivo do imigrante" in *Travessia, Revista do Migrante*. Centro de Estudos Migratórios (CEM), ano XIII, número especial, janeiro/2000.
- STEGEMANN, Ekkehard Wolfgang; STEGMANN, Wolfgang. *Historia social del cristianismo primitivo. Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas en el mundo mediterráneo*. Navarra: Verbo Divino, 2001.